

Centro Universitário de Brasília – UniCEUB
Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas

BRENNA FARIAS COSTA

MEMORIAL DA REPORTAGEM “LUTAS E MARGARIDAS NO ASSENTAMENTO”:
revisão do produto entregue como trabalho
de conclusão de curso

BRASÍLIA
2022

BRENNA FARIAS COSTA

**MEMORIAL DA REPORTAGEM “LUTAS E MARGARIDAS NO ASSENTAMENTO”:
revisão do produto entregue como trabalho
de conclusão de curso**

Trabalho apresentado à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pelo Centro Universitário de Brasília - UniCEUB.

Orientador: Professor Dr. Luiz Cláudio Ferreira

BRASÍLIA

2022

BRENNA FARIAS COSTA

MEMORIAL DA REPORTAGEM “LUTAS E MARGARIDAS NO ASSENTAMENTO”:

revisão do produto entregue como

trabalho de conclusão de curso

Trabalho apresentado à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pelo Centro Universitário de Brasília - UniCEUB.

Orientador: Professor Dr. Luiz Cláudio Ferreira

BRASÍLIA, NOVEMBRO DE 2022

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Luiz Cláudio Ferreira

Orientador

Examinador(a) 1

Examinador(a) 2

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família: mãe, pai e irmã, Em especial o meu pai, que mesmo sem o ensino fundamental completo, fez tudo o que pôde para realizar o meu sonho de concluir a faculdade de jornalismo e me tornar a primeira da família com diploma de graduação. Esta formação é uma homenagem a todos os seus anos de trabalho duro, seja nas roças no interior da Bahia, ou nas construções de prédios em Brasília.

Ao meu namorado, por ser meu maior suporte na vida e abrir mão de muitos domingos para me acompanhar ao Margarida Alves. Aos meus amigos que não me escutam falar de outro assunto durante vários meses, mas principalmente ao meu Deus, condutor da minha vida, razão de tudo e a quem eu dedico todos os meus passos e escolhas.

Me comprometo em exercer a profissão de jornalista sempre envolvida com a verdade, relatando as coisas como elas realmente são. Seguirei dando voz a aqueles que são silenciados diariamente pela injustiça, como aprendi com os grandes jornalistas com quem tive contato durante a graduação, em especial meu orientador Professor Luiz Cláudio Ferreira, razão pela qual escolhi esta universidade para o processo de formação.

RESUMO

Este é o memorial referente ao processo de elaboração da grande reportagem “Lutas e margaridas no assentamento” publicada em formato de website no endereço eletrônico: www.lutasemargaridas.com.br. A matéria expõe a situação de mulheres empreendedoras no assentamento Margarida Alves, na região de Nova Colina, em Sobradinho (DF), por meio de perfis jornalísticos de cinco mulheres. Estão documentadas aqui, todas as etapas de produção do material partindo da pauta, planejamento, estratégias de publicação, entrevistas e produção de vídeos. Além disso, conceitos bibliográficos que fundamentam as etapas seguidas para a conclusão deste trabalho.

Palavras-chave: grande reportagem; jornalismo interpretativo; assentamento Margarida Alves; empreendedorismo feminino; perfil jornalístico; agricultura familiar, mulheres campeiras.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. O QUE É REPORTAGEM	8
2. PERFIL JORNALÍSTICO	10
3. WEBJORNALISMO	12
4. DIÁRIO DE BORDO	14
4.1 Pré-produção	14
4.2 Produção	14
4.3 Pós-produção	15
5. CONCLUSÃO	17
6. REFERÊNCIAS	18
7. APÊNDICE	20

INTRODUÇÃO

Este é o memorial referente à produção da reportagem especial 'Lutas e margaridas no assentamento', publicada em formato de website. O produto jornalístico foi gerado a partir de uma pauta de interesse pessoal: empreendedorismo feminino. O objetivo da matéria é desdobrar as dificuldades de ser dona do seu próprio negócio, afloradas na situação das mulheres que vivem no assentamento Margarida Alves, em Nova Colina, na região de Sobradinho (DF). Assim como a sindicalista que inspirou o nome do assentamento; Damiana Conceição, Ivonete Xavier, Elismar Ferreira, Ivone Matos, Gisele Vieira, e todas as outras companheiras que estão indiretamente representadas neste trabalho, carregam histórias de luta e resistência. São mulheres comuns com histórias que dificilmente sairiam na capa dos jornais tradicionais. Morando há trinta e seis quilômetros do centro da capital federal, enfrentam a marginalização de uma sociedade, vivendo em casas improvisadas com bandeiras, e escassez de água.

Para a grande mídia, são apenas números nos gráficos de desemprego. Os seus negócios não estampam as páginas do jornal *Valor Econômico*, mas neste trabalho, elas tomam o lugar de protagonistas de suas próprias histórias. "O que realmente diferencia um jornal do outro- e, em consequência, um repórter do outro - é a sua capacidade de transformar os pequenos fatos que fazem o dia-a-dia da cidade, do país e do mundo, em matérias boas de ler" (KOTSCHO, 2000, p.10).

A missão da matéria 'Luta e margaridas no assentamento' é dar a estas mulheres, nome, voz e valor. Elas aceitaram abrir suas vidas, suas casas, seus comércios, e acrescentar às suas rotinas o desafio de ter alguém externo conhecendo, perguntando, escutando suas conversas, e principalmente, observando os seus movimentos, durante três meses de convívio.

O leitor deste material não encontrará o jornalismo imparcial pregado nos manuais de redação. O texto inclui a repórter, e seu olhar sobre a comunidade, diretamente na matéria com um trabalho etnográfico. Além dos textos interpretativos, resultados das entrevistas em profundidade, foram captadas imagens em formato de vídeos e fotos durante o acompanhamento das rotinas de trabalho. O objetivo foi transmitir aos leitores a experiência de convívio com a comunidade.

Outros elementos, como som ambiente nos vídeos e descrição, também foram intencionalmente utilizados para inseri-los dentro do assentamento, fazendo com que se sintam próximos das personagens principais. Ao final do processo, o resultado de todos estes formatos, apresentam um material documental sobre empreendedorismo feminino em assentamento que só o jornalismo, com sua responsabilidade social, poderia fazer.

1 - O QUE É REPORTAGEM

A **reportagem** é um gênero jornalístico com características distintas da notícia. Enquanto a notícia, realiza “...o relato de uma série de fatos a partir de um fato mais importante ou interessante” (LAGE, 1987, p.16), a reportagem “...informa, emociona, analisa, interpreta, contextualiza, mostra personagens, lugar, divulga números, desvenda processos” (GONÇALVES, DOS SANTOS, RENÓ, 2015, p.225).

Diferente da rigidez da **notícia**, a reportagem tem uma linguagem mais livre. Não cobre um fato, mas levanta um assunto conforme ângulo preestabelecido (LAGE, 1987).

“Esse formato ou espécie é considerado gênero informativo, relato, interpretativo e diversional, dependendo do pesquisador” (GONÇALVES, DOS SANTOS, RENÓ, 2015, p.240) e é pouco utilizado no dia a dia das redações dos grandes jornais, pois requer um grande investimento de tempo e dinheiro.

Os autores Silva e Oliveira (2015) apontam para as dificuldades que os jornalistas enfrentam para produzir reportagens.

Em meio à rotina jornalística, fazer o jornalismo diário com aprofundamento é um desafio para os profissionais da área. Aqueles que buscam se embrenhar e discutir pautas que resultarão em grandes reportagens enfrentam obstáculos de produzir matérias para os jornais diários, com técnicas específicas usadas de forma unânime pela grande imprensa. (SILVA, OLIVEIRA, 2015, p.4)

Sobre as diferenças entre os gêneros jornalísticos, citando MEDINA (1988), Lobato (2016) reforça:

Enquanto a notícia fixa o aqui, o já, o acontecer, a grande reportagem abre o aqui num círculo amplo, reconstitui o já no antes e depois, deixa os limites do acontecer para um estar acontecendo atemporal ou menos presente. (LOBATO, 2016 apud MEDINA, 1988, p.134)

Neste mesmo sentido, Kotsch (2000) acredita que a **reportagem** rompe a burocracia e é o mais fascinante reduto do jornalismo, sobrevivendo ao espírito de aventura, romantismo, entrega e amor pelo ofício. Diante disto, o texto “... flerta com outros gêneros, como a literatura” (GONÇALVES, DOS SANTOS, RENÓ, 2015, p. 234).

“Pode-se dispor das informações por ordem decrescente de importância, mas também narrar a história, como um conto ou fragmento de romance... em certos casos, admite-se que o repórter conte o que viu na primeira pessoa.” (LAGE, 1987, p.47). Já no gênero “**notícias**”, para Lage (1987), subjetividades são excluídas. Considera-se notícia o que alguém disse, confessou ou propôs, e não o que alguém pensou, sonhou, imaginou. Os

autores Silva e Oliveira (2015) reforçam que o tempo do anúncio do fato é determinante neste gênero.

A **reportagem** “varia com o veículo, o público, o assunto. Pode-se dispor das informações por ordem decrescente de importância, mas também narrar a história, como um conto ou fragmento de romance” (LAGE, 1987, p.47).

Kotscho (2000) defende que só vale a pena ser repórter, apesar de tudo, em qualquer época e lugar, se retratar a realidade como é, lutando para transformá-la naquilo que tem de errado, injusto e desumano. Para o autor, o jornalista não pode, e nem deve, ser insensível a sentimentos como tristeza e alegria, que se alteram no trabalho.

Afinal, ele é antes de mais nada um ser humano igual aos seus leitores, e precisa transmitir não só as informações, mas também as emoções dos acontecimentos que está cobrindo. Informação e emoção são duas ferramentas básicas do repórter, e ele terá que lutar sempre consigo mesmo para saber dosá-las na medida certa em cada matéria. (KOTSCHO, 2000, p. 32)

Em relação à diferença entre os gêneros, a liberdade da reportagem pressupõe ainda mais responsabilidade em função da profundidade que precisa alcançar. Para os autores Silva e Oliveira (2015), um repórter criativo e dedicado é imprescindível na produção de uma boa reportagem.

O profissional deve manter os sentidos apurados para enxergar o que mais ninguém vê na hora da produção do material. “O tempo, o imediatismo e o valor notícia já são determinantes para a divulgação do fato. Já a reportagem tem a intenção de contar os bastidores por trás da história, expor uma situação ou interpretar fatos” (SILVA, OLIVEIRA, 2015).

...um aspecto importante ao diferenciar notícia de reportagem: a questão da atualidade. Embora a reportagem não prescindir de atualidade, esta não terá o mesmo caráter imediato que determina a notícia, na medida em que a função do texto é diversa: a reportagem oferece detalhamento e contextualização àquilo que já foi anunciado, mesmo que o seu teor seja eminentemente informativo”. (SILVA, OLIVEIRA, 2015 apud SODRÉ e FERRARI, 1986, p.18)

Ele explica que a grande reportagem abrange os mais diversos formatos aprofundados (literário, investigativo, interpretativo, alinear, literário etc) do jornalismo, conforme conceitua Lobato (2016). “(...) é a complexidade de conteúdos somada à simplicidade da narrativa” (GONÇALVES, DOS SANTOS, RENÓ, 2015, p. 229).

2 - PERFIL JORNALÍSTICO

O **perfil** é o gênero nobre do jornalismo (VILAS-BOAS, 2014), um formato de texto jornalístico elaborado com foco em um personagem não- ficcional e já foi conceituado de diferentes formas: reportagem narrativo-descritiva, retratos da vida, close-up (plano fechado) e até mesmo biografia curta (SILVA, 2010). O objetivo deste gênero é **escrever o outro**, além de dados e estatísticas (ABREU, ARAÚJO, SILVA, 2016). “Procura-se construir uma novela ou um ensaio sobre o personagem, a partir de seus próprios depoimentos e impressões. (LAGE, 2006, p.75). Autores reforçam atributos importantes do formato:

Os perfis cumprem um papel importante que é exatamente gerar empatias. Empatia é a preocupação com a experiência dos outros, a tendência a tentar sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias experimentadas pelo personagem. Significa compartilhar as alegrias e tristezas de seu semelhante, imaginar a situação do ponto de vista do interlocutor. Acredito que a empatia também facilita o autoconhecimento (de quem escreve e de quem lê). (ABREU, ARAÚJO, SILVA, 2016 aput VILAS BOAS, 2003, p. 14)

A entrevista tem papel fundamental no gênero perfil. Lage (2006), ressalta que, neste caso, o objetivo não é um tema ou acontecimento específico, mas a figura de uma pessoa com base na sua representação do mundo, sua maneira de ser e sua vida. É por meio dela que o jornalista busca aproximação com o entrevistado, para construir a narrativa (SILVA, 2010).

Diante disso, pode enfrentar desafios para gerar um ambiente confortável ao personagem principal de sua história, já que “há personagens transparentes, que revelam seu perfil na hora: vão falando sem esperar perguntas; outros, exigem muita paciência do repórter, que não deve ficar aflito quando uma conversa foge do seu roteiro” (KOTSCHO, 2000, p.43).

O repórter deve criar estratégias para contornar situações e estar preparado para lidar com qualquer tipo de entrevistado. “Para produzir um bom perfil, é preciso pesquisar, conversar, movimentar, observar e refletir” (VILAS-BOAS, 2014, p.274). Sobre a relação entre jornalista e entrevistado, a autora Silva (2010), ressalta:

Na verdade, é desejo do jornalismo dar a sensação de realidade às personagens. Notamos que, por esse motivo, a sua caracterização não atenderá apenas aos aspectos psicológicos, mas também aos físicos, contribuindo para a criação de um elo de percepção do leitor. Seja pelas minúcias da altura, peso, expressão facial ou estilo de vestir, cada variação trará consigo parte da história a ser narrada. (SILVA, 2010, p.407)

Para VILAS-BOAS (2014), apesar da atuação direta do personagem, que tem sua história contada, não é sua responsabilidade construir uma narrativa, e sim do autor do perfil:

Por incrível que pareça, o personagem em si não é decisivo para a qualidade da narração, mas, sim, a competência do autor em lidar com o personagem e com a narração. Escapismo justificar que o personagem é isso, aquilo, comum, igual, anônimo, caladão, etc.; ou que a história dele/dela é fraca e que, “por isso, a coisa não funcionou entre nós”. (VILAS-BOAS, 2014, p.273)

Na elaboração do texto, destaca-se a eliminação do jornalismo meramente informativo, focado no factual, o que dá liberdade à subjetividade. Neste caso, o destaque é desvendar o personagem e retratar sua ideologia. (SILVA, 2010), sem idealização, já que um retrato nunca será 100% natural (VILAS-BOAS, 2014).

“Trazendo a experiência para o presente, o texto intensifica a impressão de realidade, ao mesmo tempo em que compartilha com o leitor a descoberta do caráter do entrevistado” (ABREU, ARAÚJO, SILVA, 2016, p.60, apud SONDRÉ, FERRARI, 1986, p. 131). “Se a individualidade fosse banida do mundo e os humanos não passassem de robôs programáveis, sem estilo nem identidade, o texto do tipo perfil simplesmente não existiria. O perfil expressa a vida em seu contexto” (VILAS-BOAS, 2014, p. 271).

3 - WEBJORNALISMO

A internet mudou a forma de consumo jornalístico, “(...) Chegou para ficar, não é moda passageira e não haverá retrocesso. Jamais os usuários de e-mail voltarão à escrever cartas e deslocar-se até o correio para postá-las” (FERRARI, 2014, p.29). A forma como se faz jornalismo foi alterada. “A internet marca, na verdade, a abertura de novas fronteiras para onde podem ser direcionados inúmeros produtos, inclusive a informação” (DALMONTE, 2009, p. 119).

O jornalismo “... praticado ‘com’, ‘para’ e ‘na’ internet vem recebendo diferentes nomenclaturas no decorrer dos anos, como ciberjornalismo, jornalismo virtual, online, digital, eletrônico e outros” (DI FÁTIMA, LAPA. 2017. p. 5435).

Neste memorial, assumimos o termo ‘Webjornalismo’, caracterizado por Dalmonte (2009) como a renovação de práticas antigas, e não como um novo jornalismo. Autores como Di Fátima e Lapa (2017), defendem que o modelo tem a capacidade de ressignificar características de outros canais, como a palavra escrita, imagens, som e vídeo, agora simultâneos na mesma plataforma. Esses elementos multimídias alteram o processo de produção e leitura da notícia (CANAVILHAS, 1999, p.64).

Estudiosos da área acreditam que o webjornalismo passou por três etapas. Na primeira etapa, os jornais apenas replicaram suas publicações da versão impressa, na internet (DI FÁTIMA, LAPA, 2017 apud PINTO, 2016). Na segunda etapa, os veículos começaram a produzir conteúdos exclusivos para as suas páginas na web (DI FÁTIMA, LAPA. 2017. p. 5435). Finalmente, a terceira etapa “(...) reconhece a internet como um media detentor de características particulares” (DI FÁTIMA, LAPA. 2017 apud DI FÁTIMA e WINQUES, 2017, p. 63)

Para Barbosa (2007), a principal diferença entre o webjornalismo e o jornalismo impresso está nas prioridades:

Compreende-se, pois, que as prioridades do jornalista da imprensa em papel sejam diferentes das prioridades do webjornalista: enquanto o primeiro dá primazia à dimensão do texto, recorrendo a rotinas estilísticas que permitem “encaixá-lo” no espaço definido, o segundo deve centrar a sua atenção na estrutura da notícia, uma vez que o espaço é tendencialmente ilimitado (BARBOSA, 2007, p. 30).

Apesar de o modelo de pirâmide invertida demonstrar-se eficaz na transmissão de notícias rápidas e sucintas, pode transformar o trabalho jornalístico em uma rotina e limitar o espaço para a criatividade (BARBOSA, 2007).

A técnica da pirâmide invertida pode resumir-se em poucas palavras: a redacção de uma notícia começa pelos dados mais importantes – a resposta

às perguntas O quê, quem, onde, como, quando e por quê – seguido de informações complementares organizadas em blocos decrescentes de interesse. (BARBOSA, 2007, p. 26).

Este tipo de técnica foi amplamente utilizada no segundo período do webjornalismo (DI FÁTIMA, LAPA. 2017. p.5437). Com o passar do tempo, e na nova etapa, ocorreu uma evolução. “Usar a técnica da pirâmide invertida na web é cercear o webjornalismo de uma das suas potencialidades mais interessantes: a adoção de uma arquitetura noticiosa aberta e de livre navegação” (BARBOSA, 2007, p.27). Canavilhas (2006), defende uma pirâmide deitada com quatro níveis de leitura. Abertura com lead respondendo as perguntas O quê, Quando, Quem e Onde; um segundo nível que responde Porquê e Como; um terceiro nível com contextualização, que propõe mais informações, vídeos ou som; e o nível de exploração ligando a notícia a arquivos externos.

Sobre a hipertextualidade, podemos entendê-la como a possibilidade de fazer ligações entre de um mesmo texto para outros textos, o que possibilita uma norma forma de leitura (DI FÁTIMA, LAPA. 2017. p. 5439).

Enquanto nos jornais impressos as reportagens ganham projetos gráficos específicos e em seções especiais, no webjornal podem ser criados hotspots com o intuito de construir um ambiente virtual de leitura condizente com as temáticas abordadas por cada projeto. (DI FÁTIMA, LAPA. 2017. p. 5442)

4 - DIÁRIO DE BORDO

Este tópico foi dividido com base no processo de produção da reportagem especial “Lutas e margaridas no assentamento”. Pré- produção, pesquisa e definição da pauta; produção, processo de entrevistas e escrita dos perfis jornalísticos; e pós-produção, com a edição do material e formulação do website.

4.1 Pré- produção

A pauta da reportagem surgiu a partir de um interesse pessoal: empreendedorismo feminino. Em uma conversa cotidiana, uma fonte testemunhal contou sobre como a feira livre do assentamento Margarida Alves (DF) reunia muitas mulheres que buscavam o sustento de suas famílias em negócios próprios. Dados do Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil (II VIGISAN), revelam que a fome atingiu mais de 33 milhões de brasileiros em 2022. Diante dessas circunstâncias, o empreendedorismo dentro de um assentamento era uma boa história a ser contada.

Foi preciso, então, visitar o local para situar-se sobre o assunto. Ivone Matos foi a primeira a me receber em sua casa, por intermediação de uma amiga em comum. Em uma conversa prévia, realizada pelo telefone, ela se inteirou sobre o tema da reportagem e confirmou a história.

Ivone convidou a amiga, Damiana Conceição, coordenadora da feira livre da comunidade, para participar da nossa segunda conversa. Quando cheguei ao local, elas já estavam à minha espera. Depois de me esclarecer detalhes sobre o funcionamento da feira, Damiana me fez perguntas sobre onde a matéria seria divulgada e que tipo de perguntas eu faria para as mulheres da comunidade. Ela foi a responsável por fazer uma reunião com as mulheres que se encaixavam no perfil, de acordo com a pauta, para que a minha presença não trouxesse estranheza entre elas.

4.2 Produção (pauta) e reportagem

No final do mês de setembro, o produto começou a ser produzido. Por se tratar do gênero perfil jornalístico, foram realizadas entrevistas em profundidade com sete mulheres empreendedoras da comunidade. Devido a extensão do trabalho, cinco mulheres foram selecionadas para publicação no website até este momento.

Os critérios foram: a abertura das personagens na hora da entrevista e a disponibilidade para receber a reportagem durante as visitas. Além das perguntas, foi

fundamental observá-las em suas rotinas de trabalho para conhecer detalhes que não ficaram explícitos apenas com as falas das personagens. Para isso, a maioria das visitas do local ocorreram aos domingos, dia de funcionamento da feira livre, onde trabalham a maioria das mulheres entrevistadas. Além do texto interpretativo, resultado das entrevistas de profundidade e da inserção da repórter na matéria, foram captadas imagens em vídeo e foto.

O objetivo foi inserir o leitor no ambiente, para que ele se sentisse dentro do assentamento e próximo às mulheres que têm suas histórias contadas na grande reportagem. Para isso, o repórter fotográfico João Canizares participou na cobertura fotográfica da matéria.

A intermediação de Damiana Alves foi fundamental na execução do trabalho. Apesar dela, alguns moradores do assentamento ficaram receosos com as filmagens genéricas do local e chegaram a perguntar para que servia o material. Para evitar qualquer tipo de desconforto, optamos por usar o equipamento de celular, juntamente com um estabilizador, para gravação de imagem e voz. A escolha contribuiu para a naturalidade das imagens captadas.

Conhecer o funcionamento do assentamento e convívio da comunidade foi essencial para que as histórias fossem bem representadas. O leitor deveria ter perguntas respondidas: 'qual o tamanho do local?' 'como eles foram parar ali?' 'de onde vem a água?' ou 'passa ônibus no assentamento?'. Estes detalhes foram incluídos nos textos de acordo com as demandas das entrevistadas. Além disso, fontes documentais são utilizadas para contextualizar o leitor sobre temas, como é o caso dos números de câncer de mama no Brasil, incluídos no perfil de Elismar Ferreira.

4.3 Pós- produção

Após entrevistas feitas e imagens captadas, começou o processo de edição dos vídeos. Estratégias foram criadas para facilitar a conexão do leitor com o lugar e com as personagens, como cenas com som ambiente no começo e final dos vídeos. Foram usadas apenas sonoras das personagens que narram as suas próprias histórias, com menos intermediação da repórter. Os vídeos são complementos dos textos, por isso, tem pequena duração e falas que representam o título dos perfis jornalísticos.

Há uma tela repetida em todos os vídeos com o nome da matéria, além de um código QR que leva ao site oficial da matéria, já que os vídeos podem ser assistidos individualmente através da plataforma Youtube. A imagem da chuva faz referência a maior reclamação dos moradores: a escassez de água, ao mesmo tempo que revela a falta de

estrutura da comunidade, sem asfalto e com ruas de terra, a chuva pode dificultar a vida de quem vive ali.

Com relação ao desenvolvimento do website, o cabeçalho com o nome das personagens permite liberdade de leitura, já que não há uma ordem pré- estabelecida. O uso de imagens grandes durante a rolagem e a galeria de fotos, situam e contextualizam o leitor sobre a comunidade, gerando uma experiência reflexiva e participativa da situação das mulheres empreendedoras do local.

5 - CONCLUSÃO

Transmitir informações de interesse público é a missão do jornalista. Evidentemente, a rapidez e imediatismo exigidos pelos veículos de comunicação o acompanham no exercício da profissão. Porém, durante o processo de produção jornalística da reportagem especial “Lutas e margaridas no assentamento”, me propus a procurar respostas, e fazer perguntas além das sugeridas nos manuais de redação, para o lead: o quê? Quem? Como? Quando? Onde? Por quê?. O processo levou tempo. Foi preciso ouvir, perguntar e principalmente observar, para chegar a respostas muitas vezes não expostas em palavras, mas demonstradas em ações.

Uma segunda barreira do jornalismo tradicional foi quebrada: a história contada por um único lado. Neste material, as personagens protagonistas narram suas próprias histórias, não só por meio das experiências de vida, mas por lembranças, emoções e sentimentos, sem a obrigatoriedade de escutar alguém que confirme os relatos, muitos deles vividos em silêncio por elas.

O recorte deste material não permitiu que todos os temas fossem abordados. As comunidades são um campo propício para o exercício do jornalismo humanizado. A forma como os moradores levam a vida, a criação de crianças e a organização das coordenações da comunidade, são exemplos de temas que podem ser abordados. Em cada barraco de madeira, há uma reportagem especial.

Damiana Conceição, Ivonete Xavier, Elismar Ferreira, Ivone Matos e Gisele Vieira representam muitas outras mulheres que, assim como elas, buscam no empreendedorismo o sustento de suas famílias. Além de empreendedoras, elas são mães, esposas, avós, líderes de suas casas e comunidades. No assentamento Margarida Alves existem muitas outras que, assim como elas, merecem ter suas histórias contadas. Este material não precisa, e não irá, finalizar. Futuramente, novas histórias serão incluídas no site. Ele será da comunidade, e servirá como uma voz que clama por visibilidade e justiça.

6 - REFERÊNCIAS

- ABREU, L.F; ARAÚJO, André; SILVA, Alexandre. **Do Perfil Jornalístico à Escrita Biográfica: vida em detalhes**. Contemporanea: comunicação e cultura, Bahia, v.14, n.01, pp. 55-71, jan-abr 2016. Disponível em: > https://www.academia.edu/80962674/Do_Perfil_Jornal%C3%ADstico_%C3%80_Escrita_Biogr%C3%A1fica_Vida_Em_Detalhe<. Acesso em: set. 2022
- BARBOSA, Suzana. **Jornalismo Digital de Terceira Geração**. Labcom - Universidade da Beira Interior. Covilhã, 2007. Disponível em: ><http://livros01.livrosgratis.com.br/oi000013.pdf>< . Acesso em: out. 2022
- CANAVILHAS, João. **Webjornalismo: considerações gerais sobre jornalismo na web**. Informação e Comunicação Online: Jornalismo Online, 63-73. Covilhã: Livros Labcom, 2003. Disponível em:>https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/4358/1/CAP%C3%8dTULO_WebjornalismoConsidera%C3%A7%C3%B5esgerais.pdf< . Acesso em: set. 2022
- DALMONTE, E.F. **Webjornalismo e o fazer-refazer jornalístico**. Pensar o discurso no webjornalismo: temporalidade, paratexto e comunidades de experiência [online]. pp. 118-152. Salvador: EDUFBA, 2009. Disponível em: > <https://books.scielo.org/id/nb/pdf/dalmonte-9788523212155-05.pdf>< . Acesso em: set. 2022
- DI FÁTIMA, Branco; LAPA, Thiago. **A Reportagem na Internet: uma análise das transformações narrativas do webjornalismo**. XV Congresso IBERCOM, Lisboa, 2017, pp. 5434- 5451. Disponível em: >https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/25436/1/conferenceobject_60681.pdf< . Acesso em: set. 2022
- FERRARI, Pollyana. **Jornalismo Digital**. Editora Contexto. São Paulo: Editora Contexto, 2014
- GONÇALVES, Elizabeth Moraes; RENÓ, Denis Porto; DOS SANTOS, Marli. **Reportagem: o gênero sob medida para o jornalismo contemporâneo**. Chasqui: Revista Latinoamericana de Comunicación, n. 130, p. 223-242, 2015. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/160/16057395015.pdf>> . Acesso em: out. 2022.
- KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2000.
- LAGE, Nilson. **A estrutura da notícia**. 1. ed. São Paulo: Ática S.A, 1987
- LAGE, Nilson. **A reportagem**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006
- LOBATO, José Augusto Mendes. **Jornalismo e Narratividade em Sintonia: Um Percorso Teórico-Conceitual pelos Elementos da Grande Reportagem**. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, São Paulo - SP, p. 1-15, 2016. Disponível em: <<https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2343-1.pdf>>. Acesso em: out. 2022

SILVA, Cíntia; OLIVEIRA, Andrea. **Reportagem: “a palavra que age”**. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em ><https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-3351-1.pdf><. Acesso em: set. 2022.

VILAS-BOAS, Sérgio. **O Mundo dos Outros: 22 personagens e 1 ensaio**. 3. ed. São Paulo: Manole, 2014

CANAVILHAS, João. **Webjornalismo: Da pirâmide invertida à pirâmide deitada**.

Universidade da Beira Interior. Portugal, 2006. Disponível em:

>https://www.academia.edu/2462313/Webjornalismo_Da_pir%C3%A2mide_invertida_%C3%A0_pir%C3%A2mide_deitada< . Acesso em: set. 2022

7 - APÊNDICE

A seguir, a reportagem especial “Lutas e margaridas no assentamento”: mulheres do Margarida Alves, em Sobradinho (DF), enfrentam os desafios de empreender na comunidade”. O produto em íntegra, com vídeos e multimídia, está disponível no site: www.lutasemargaridas.com.br

Lutas e margaridas no assentamento

Mulheres do Margarida Alves, em Sobradinho (DF), enfrentam os desafios de empreender na comunidade

Os moradores do assentamento Margarida Alves acomodam-se em 208 barracos de madeira, com luz improvisada e escassez de água. Fundado em 2014, pela Frente Nacional de Luta Campo e Cidade (FNL), a terra ainda não foi contemplada no processo de regularização do GDF. A localidade está na região de Nova Colina, zona rural de Sobradinho- DF. Na luta pela sobrevivência, mulheres buscam em empreendimentos, o sustento de suas casas e o refúgio para os desafios da vida.

A estrutura

Após dois quilômetros de estrada de chão, a placa “bem-vindo ao Margarida Alves” indica que chegamos à comunidade. O local carrega o nome da defensora dos direitos humanos e sindicalista brasileira. Margarida, nascida na cidade de Alagoa Grande (PB), notabilizou-se pelo direito dos trabalhadores no campo, e morreu assassinada em 1983, com 50 anos de idade.

Trinta e nove anos após sua morte, Margarida continua a inspirar movimentos sociais. Desde o ano 2000, mulheres de todo o país marcham até a capital federal, a cada quatro anos, para homenageá-la e lutar contra pobreza e violência de gênero. A última edição, em 2019, reuniu mais de 100 mil participantes. As mulheres do assentamento sabem pouco sobre Margarida Alves, mas compartilham histórias de luta e resiliência.

Nas manhãs de domingo, o som alto e a movimentação na avenida principal revelam que a feira está funcionando. A líder dos comerciantes, Damiana Conceição Pereira, 31 anos, explica que assim como nas moradias, o espaço para a banca da feira é cedido para

moradores que queiram empreender. O empreendedor constrói a barraca por conta própria e paga uma taxa de R\$ 80 para instalação de água e luz no estande.

Além disso, os feirantes organizam-se para criar estratégias e dividir os custos de melhorias para o local. “Agora mesmo, a gente tá trabalhando para organizar a iluminação da frente. A gente teve a ideia de deixar a avenida iluminada. Trocar as lâmpadas para clarear de ponta a ponta”, esclarece Damiana. Das 28 bancas, 21 são de mulheres. Elas expõem seus produtos nos estandes de madeira, na esperança de fazerem boas vendas no fim de semana.

A liderança de Damiana Conceição Pereira

“A gente nunca pode querer só para a gente”

Entre vendedores e compradores, Damiana Conceição Pereira, 31 anos, caminha pela feira com cadernos na mão, colhendo assinaturas e fazendo o que chama de “reuniões individuais”. Desde que chegou no assentamento, há seis anos, ela se divide entre o tempo com a família, marido e filhos, o curso de gestão administrativa às quartas-feiras, a coordenação da feira e sua própria banca, a ‘Tem de tudo’. Tem o salão, a casa de ração, a parte de mercadoria novas com peças íntimas e calçados e o bazar. “E fora isso, eu ainda faço diária (de faxina) quando aparece, caso você saiba de alguma coisa”, sorri Damiana.

A curiosidade pelo ramo da beleza surgiu ainda na sua cidade de origem, Serra do Ramalho, município da Bahia, no Vale do São Francisco. Damiana conta que conheceu uma vizinha recém chegada de São Paulo que era manicure. A mãe, religiosa, não deixava que as três filhas mulheres, dos dez irmãos, pintassem as unhas e muito menos virassem manicure. O estímulo surgiu de uma amiga que conheceu na cidade de Goiânia (GO), para onde se mudou com o ex-esposo em 2011. Gerusa tinha um salão e doou todos os materiais para Damiana fazer o curso.

Foi em um dos atendimentos em domicílio, já em Brasília, que a manicure tomou conhecimento sobre o assentamento Margarida Alves. Enquanto compartilhava das dificuldades que ela e a família enfrentavam, ouviu de uma conhecida “você tem coragem de morar em uma invasão?”. “Eu sou do interior, eu não tinha muito conhecimento do que era uma invasão. Mas a gente pensa logo assim: vou sair do aluguel”, relembra Damiana.

Antes de chegar ao assentamento, ela e a família moravam no Itapoã, cidade que fica a vinte quilômetros do local. Ela relembra da rápida construção do barraco para não

perder o espaço. “Quando cheguei aqui ainda fiquei dois dias sem luz, no escuro com meus filhos, porque não tinha como pagar os R\$ 20 para ligar a energia”, diz Damiana.

Foi ela a responsável pelo meu contato com as mulheres empreendedoras. No fim do nosso primeiro encontro, depois de esclarecer detalhes sobre a comunidade, era a vez de Damiana fazer perguntas. “Onde você vai publicar essa matéria?” “Que tipo de perguntas você vai fazer para as mulheres?”. Desconfiada, abriu o caderno e anotou minhas respostas. A reunião que ela marcou de última hora, esclareceu as dúvidas de todas e fez com que minha presença não trouxesse estranheza às moradoras.

Na manhã do dia 18 de setembro, ela recebeu, na banca Tem de tudo, os dois homens que ficaram responsáveis pela colocação da água para os feirantes. Sentados nas poltronas do salão, eles acertaram os últimos tópicos e assinaram a ata da reunião, escrita a mão pela própria Damiana em um dos seus cadernos. A mulher nascida e criada em uma cidade nas margens do rio São Francisco, o mais importante do rio estado da Bahia, agora luta contra a escassez de água para a comunidade.

A água do local é tirada de um poço artesiano e levada por tubulação até uma caixa. Cada uma das sete ruas tem uma bomba e um dia da semana próprio para recebê-la. Os moradores precisam administrar o consumo para não sofrerem com a escassez. Eles escolhem quem será o responsável por ligar a água da rua no dia indicado. Os responsáveis pela água da feira são Francisco Martins, o Seu Mulinha, e Francisco Lopes, o General.

De todas as suas atividades, a liderança da feira é a que mais toma tempo. “Eu sou empreendedora e busco melhorar o empreendedorismo do outro. A gente nunca pode querer só para a gente, você tem que correr atrás do seu e incentivar mais alguém”, afirma Damiana. O cuidado vai além dos espaços da feira. Com orgulho, a líder me mostra fotos e vídeos de entregas de cestas básicas e roupas, que ela mesma conseguiu em parceria com moradores de um prédio da Asa Norte (DF).

“Os dias são difíceis até para cuidar de dentro de casa, imagina você ter um comércio. Pelo fato de ser liderança, sempre tenho que pensar na melhoria das famílias. Eu sempre estou atenta a atender alguma família que está precisando”, diz Damiana. Na pandemia, a situação se agravou. Ela lembra que precisou recorrer a amiga Ivone, dona de uma conveniência, para comprar feijão fiado. Passou por situações de deixar de comprar para a casa e ajudar famílias que precisavam mais.

Apesar das dificuldades, não pensa em sair do local e não tem muitas ambições. Sonha em ter liberdade para construir um muro no lote e poder passar o dia todo de babydoll em casa. “Quero que seja regularizado, que a feira vire uma grande avenida de comércios. Quero ver a evolução para as coisas melhorarem para todo mundo (...) eu já não vejo isso aqui como se um dia fosse vir um trator. Eu damiana, com minha fé, não com os olhos humanos, eu creio e acredito que isso aqui o passo é evoluir, acabar, não mais”, conclui.

A cura de Elismar Ferreira da Silva

“Eu só sei que estava com tanta vontade de viver que eu perdi a vergonha”

No dia 28 de julho de 2021, quando recebeu o diagnóstico do câncer de mama, Elismar Ferreira da Silva, 41 anos, sentiu o “mundo desabar”. As lembranças agora são acompanhadas de um suspiro aliviado, mas causaram muitas incertezas ao longo dos nove meses de tratamento. “Eu só pensava que ia morrer sem ser tratada”, diz Elismar.

Natural da cidade de Palestina (PA), a 650 km de Belém, chegou a Brasília em 2002, grávida de cinco meses do segundo filho, depois do divórcio do primeiro casamento. Ela recorda que morava na casa dos sogros e ficou sem teto após a separação. “Eu falo que Brasília me acolheu. Eu vim com a cara e a coragem”, relembra Mazinha, como é carinhosamente conhecida.

Na capital, começou o trabalho de doméstica e morou no Itapoã, na região do Paranoá, até chegar ao Margarida Alves, onde mora há quatro anos com o esposo e um dos três filhos. Foi lá que ela nos recebeu, com sorriso no rosto, na banca na número 25 da feira. A venda das roupas usadas surgiu da necessidade de arrecadar dinheiro para as primeiras quimioterapias particulares. Mazinha ouviu da médica que precisava começar o tratamento rápido antes que o caroço do seio estourasse. Na lista de espera da rede pública há quatro meses, e sem previsão de ser chamada, começou uma verdadeira maratona contra o tempo.

O câncer de mama é o que mais causa morte em mulheres e, depois do de pele, é o segundo mais comum no Brasil. Foram estimados 66.280 novos casos em 2022. Só em 2020, a doença matou 17.825 mulheres no país. [Os dados são do Instituto Nacional de Câncer \(INCA\).](#)

Mazinha conta que, seguindo o conselho de um amigo, fez vídeos contando sua história de vida e pedindo contribuição em dinheiro para o tratamento, que não conseguia pagar com o salário de doméstica. As imagens circularam nas redes sociais. “Eu só sei que estava com tanta vontade de viver que perdi a vergonha”, lembra.

Com a ajuda da comunidade, a ação foi um sucesso. Além das roupas para o bazar, recebeu outros objetos para fazer bingos e rifas: perfumes, porco, bode e marmitas de feijoada. “Abaixo de Deus, foram eles que me acolheram. Nem eu sabia que tinha tanta pessoa que gostava de mim assim. Só tenho a agradecer”, relata Mazinha. Quase R\$ 6 mil foram arrecadados em 20 dias, e a primeira sessão de quimioterapia foi feita. Só depois da segunda sessão particular, ela foi chamada para terminar o tratamento na rede pública.

Mazinha viu na situação a oportunidade de começar o seu tão sonhado negócio próprio. Já que não poderia trabalhar como empregada doméstica, ela procurou Damiana, líder da feira e agora vizinha de banca, para pedir uma barraca própria e continuar o bazar. Com o prazo de um mês para montar a estrutura, contou com a doação de madeiras da própria Damiana, e mão de obra de um amigo para “levantar o barraco”.

O espaço é organizado. Mesas de plástico e tábuas são usadas como expositores. Bem dobradas, as peças são separadas por categoria. Varais de corda improvisam uma arara e acomodam peças penduradas em cabides. Em um dos cantos, uma cortina é usada como provador para as clientes. O bazar divide espaço com fogão e algumas panelas. Mazinha explica que muitas vezes acaba comendo na banca para não precisar voltar para casa.

Apesar do esforço, o negócio ainda não paga as contas. A casa é mantida pelo marido, autônomo, que trabalha como soldador. Depois de fazer uma conta rápida, ela me disse que tira cerca de R\$300 por mês, e completa: “R\$ 300 eu deixei só na farmácia esse mês”.

Mas qual o maior sonho? “Uma casa de verdade. Porque meu barraco, no momento, é um barraco de madeirite. E meu negócio, que eu vou expandir ele, com fé em deus”. Mazinha espera ansiosa pela regulamentação do local, sem interesse em sair do assentamento. “Eu quero terminar de fazer minha vida aqui. Aqui no assentamento”, reforça.

O próximo passo é incrementar a banca realizando um outro sonho antigo, trabalhar com comida. Mazinha me diz que quer acrescentar um café da manhã. Os sacos de cimento

no canto revelam que as melhorias na estrutura já começaram. “Quando você vir outras vezes, ela (a barraca) vai estar mais aconchegante”, promete.

O tempero de Ivone Matos Correia

“Não quero passar minha vida toda no barraco”

Na casa da família Gomes, o almoço de domingo recebe convidados e exige trabalho mútuo. Às seis horas da manhã, todos já estão acordados. Depois de arrumar o café da manhã das crianças, Ivone Matos Correia, 43 anos, volta a atenção para a cozinha. Ela é a responsável pelo peixe que atraem moradores da região para o comércio da família, e é o carro chefe da produção. Com a ajuda dos dois filhos, o marido organiza a frente da casa para receber os clientes a partir das onze e meia.

Na hora do almoço, a varanda foi ocupada pelo balcão de self service, a caixa de isopor com peixes frescos e as mesas de plástico. Seu Gomes, como é conhecido pela comunidade, fica responsável pelo atendimento. Além do almoço, a casa tem uma mini conveniência. Em cima do freezer, um caderno com anotações das vendas fiado.

Na hora do movimento, o filho mais velho precisa ajudar no caixa e pegar alguma coisa na venda. “Quando eu mais preciso, você inventa de almoçar”, reclama o pai. Sentada em uma das mesas, a cliente gritou: “não precisa apressar à Ivone, deixa ela fazer o peixe como ela sempre faz”, elogia.

Ivone é cearense, nascida na cidade de São Gonçalo do Amarante. Ela e o marido vieram para Brasília em busca de uma oportunidade de emprego melhor. Seu Gomes trabalhava com o seguro de trânsito Dpvat quando foi convidado pelo supervisor para deixar a cidade natal. “Realmente, quando nós chegamos aqui, era melhor”, relembra Ivone.

Com o tempo, a situação mudou e a família precisou buscar outras alternativas. A oportunidade de ter um espaço no Margarida Alves, surgiu em 2017, quando moravam no Jardim ABC, na Cidade Ocidental (GO). O marido já trabalhava em uma construção civil a 42 km de casa, no Itapoã. Foi um colega de trabalho que falou sobre o assentamento e deu o suporte para a mudança “o aluguel era muito caro, de tábua e tábua, fiz meu barraco”, relembra Ivone.

Hoje, o sustento da casa vem do comércio e dos bicos que o marido faz como mestre de obras. As vendas giram em torno da própria comunidade e poucos clientes que

vêm de fora, a maioria em busca de peixe fresco, tratado e feito na hora. O prato sai entre R \$35 e R \$40. Ivone explica que o lucro é muito instável. “É uma população de baixa renda. Às vezes a pessoa tem dinheiro na data que recebe auxílio. Tem final de semana que eu não vendo um peixe. É o comércio”.

Antes da pandemia, as vendas eram melhores, os almoços aconteciam aos sábados e domingos, além do churrasquinho com jantinha durante a semana. “Pandemia chegou, acabou espetinho, acabou o bar, almoço era só marmita. Foi um balde de água gelada em todo mundo”, lamenta Ivone.

Muita coisa é adiantada no dia anterior para facilitar a dinâmica do trabalho. Na cozinha, Ivone tem ajuda. Discreta, a funcionária chega cedo, corta verduras, trata o peixe e lava as louças. Ela pede gentilmente: “você só filma ela, tá?”. As mulheres dividem espaço com um observador atento, o Kiwi. O papagaio apareceu na casa da família quando era só um filhote, e nunca mais foi embora. Vive solto e circula livremente pelo ambiente, inclusive na cabeça dos clientes.

Durante a semana, a rotina da família é diferente. O casal se empenha em procurar mercadorias em promoção para repor o estoque. As crianças estudam em horários distintos. O filho mais novo, Mateus, de 8 anos, estuda na escolinha que atende as crianças da região. Já o mais velho, Joaquim, 10 anos, vai de ônibus até Sobradinho.

A alguns passos da portaria, a parada pintada de verde é resultado de uma recente ação feita pelos moradores para melhorar a qualidade de vida de quem depende do meio de locomoção. Até recentemente, o ônibus escolar era o único que passava no local. Os moradores ficavam reféns dos loteiros para sair dali, com preços que dependiam do dia e horário. Agora, uma linha leva até Sobradinho e Paranoá, e facilita a vida da comunidade.

O maior medo de Ivone é que a regulamentação não dê certo e as casas sejam derrubadas. “Eu acho muito sofrido, muito dolorido, você batalhar e o governo vir e passar uma máquina por cima, vir com o trator e derrubar”, lamenta. Ela esclarece que aprendeu a gostar do local, mas mora no assentamento por falta de opção. Sonha com o dia que voltará para a cidade de origem, para perto da família. “No Ceará eu tinha minha casa, morava na praia. Isso aqui é fora da realidade... não quero passar minha vida toda no barraco”, diz Ivone.

“As pessoas que não conhecem o que é morar em um assentamento, em invasão, pode ter uma visão diferente da realidade. Você ter conforto na cidade e passar a morar aqui dentro, não é fácil... Meu sonho, eu tenho fé em Deus que vou sair daqui e voltar para minha terra. Eu não tenho outro pensamento”.

A força de Gisele Vieira Gontijo

“Eu me apeguei a Deus. Deus tem o dom da vida e da morte.”

A terceira barraca da feira livre, foi intitulada pela própria comunidade por “Top das Galaxias”. O apelido faz referência à fala da dona do local, Gisele Vieira Gontijo, 44 anos, que convida os clientes para almoçar “uma comidinha top das galaxias”. O cartaz acima do caixa chama atenção. Um show de forró beneficente para o tratamento de Maria Isabela Gontijo, 10 anos, filha de Gisele, diagnosticada com leucemia em estágio agudo.

Maria Isabela, conhecida como Bela, descobriu sobre a doença em maio de 2022, aos nove anos de idade, e desde então está em tratamento. Os primeiros sintomas foram dores nas pernas, febre e vômito, até parar de andar. Gisele conta que não foi pega de surpresa. “Ela sempre foi uma menina muito corada e estava pálida, não tinha nenhum sangue no corpo”, relata a mãe. Ela diz que questionou o médico se era culpada pela saúde da filha. A doença, porém, é hereditária. Um primo de primeiro grau também passou pelo tratamento quando tinha sete anos, há vinte anos atrás.

“Ela ficou oito dias no hospital de Sobradinho internada e lá fizeram todos os exames e não descobriram o que era. Disseram que tinham feito todos os exames que podiam e não sabiam o que tinha. Foi quando decidiram me mandar para o Hospital da Criança para fazer o exame de medula”, conta Gisele.

Ela relembra que mesmo sem orientação do médico, levou todas as roupas da menina, pois já imaginava que Bela seria internada. No mesmo dia, os médicos entraram com a quimioterapia para tratamento. Desde então, a menina passa uma semana internada e outra em casa.

No momento mais difícil, escutou que a filha precisava ser entubada, senão iria morrer. Bela ficou entubada durante oito dias. Gisele conta que Bela não gosta que a família lamente o seu estado, “não estou morrendo não, gente, estou fazendo tratamento”, narra a mãe. Hoje, a menina sabe explicar tudo sobre a doença. Apesar do tratamento agressivo, a família vê resultados. “Ela não andava, hoje ela corre”, comemora Gisele.

Gisele é de Brasília e morava no Itapoã antes de mudar-se para o assentamento. Chegou ao local há sete anos, depois que o outro acampamento onde morava, o Carlos Lacerda, foi derrubado. A própria coordenação cedeu o novo espaço no assentamento Margarida Alves. "Eu não ia voltar para o aluguel mais não, não dava conta, não tinha condições, aí eu vim para cá faz sete anos" relembra.

Mãe de sete filhos e avó de seis netos, conta que sempre sonhou em ter uma família grande. "Desde menina tinha cinco bonecas, só que eram cinco, né? Aí dois vieram de penetra", brinca. O sustento da casa vem da banca na feira. Além do almoço no final de semana, vende pastel frito na hora no período da tarde. Sem funcionários, Gisele conta com a ajuda de toda a família para tocar o restaurante. Quem chega, eu coloco pra trabalhar", sorri.

Gisele conta que sempre teve o dom de vendas, mesmo quando trabalhava de doméstica, vendia peças íntimas. Antes de abrir o espaço na feira, há três anos, tinha uma pizzaria na própria casa. "Gosto muito de cozinhar, aprendi com minha mãe. Sempre via ela cozinhando, comida boa danada, aí ficava curiando para aprender. Não é igual a dela não, mas um dia eu chego lá, porque ela manda mesmo", deseja. Quando a coordenação surgiu com a ideia de fazer a feira. Ela colocou o nome na lista e recebeu o espaço para tocar o comércio. Com um tempo, a banca foi ampliada.

O objetivo é que o estande seja melhorado. "Quero aumentar até o fundo, botar cerâmica e trocar esses paletes por grades de ferro", planeja Gisele. Apesar dos planos, reconhece que preferia morar em outro lugar, fora do assentamento. "Não é que eu não goste daqui, pelo contrário, aqui é um lugar que me acolheu e eu gosto muito daqui, mas se eu tivesse uma casa em outro lugar, eu não moraria aqui. A poeira é muito grande, saneamento básico e energia são muito ruins, água tem dia exato para colocar para você, é tudo muito regrado", reconhece.

A paisagem de Ivonete Xavier Pereira

"Eu amo esse lugar, eu amo as pessoas que vivem nesse lugar"

Na quarta rua do Margarida Alves, o Viveiro Dona Bel carrega o nome da matriarca da família. Mãe de cinco filhos, o amor de dona Isabel pelas plantas inspirou a filha na profissionalização do negócio. Ivonete Xavier Pereira, 33 anos, diz que começou comprando plantas suculentas e cactos para a mãe.

“A gente começou do zero, colecionando. Minha mãe era ‘viciada’ e a gente começou a comprar para ela e ensinar a cuidar, olhar na internet, aprender, e acabou virando esse monte de coisa que você tá vendo”, diz Ivonete. Hoje o viveiro tem mais de duas mil espécies de plantas. A família improvisou um espaço com madeiras e lona transparente para acomodar as mudas. Ela sabe identificar nome, planta e gênero de cada uma delas. A renda média mensal do negócio é de R\$ 3 mil.

Hoje, ela e a irmã Cléia, que ajuda com a empresa, têm bastante experiência na área. Os cursos profissionalizantes que buscaram na internet ajudaram no processo. Além das vendas das plantas, elas prestam o serviço de consultoria e paisagismo na casa dos clientes. “A gente explica como cuida, qual o vaso ideal para cada tipo de planta, se fica na sombra ou sol. Também fazemos o trabalho de paisagismo, arrumamos o jardim, escolhemos qual a melhor planta para o ambiente”, explica Ivonete.

Além de sustentar a família, o viveiro também foi um escape para a empreendedora. Ela conta que trabalhava com um grupo de escritores de Brasília há quase quatro anos, quando descobriu um quadro depressivo e precisou ser afastada do trabalho. Na época, Ivonete já era mãe e estava grávida do segundo filho.

“Eu comecei a ter alguns sintomas de tristeza. Não conseguia levantar para ir trabalhar. Tive até sintomas físicos, dor no corpo. Aí fui no médico e ele percebeu que eu estava depressiva. Voltei a trabalhar depois do período de licença, mas não consegui mais”, relembra. No início, começou a fazer artesanato com pneus até surgir a ideia de criar o viveiro.

Ivonete e a família chegaram ao assentamento há seis anos, para morar em um barraco sem piso nem banheiro. Eles moravam em uma chácara cedida no Lago Oeste, na região de Sobradinho. “A gente nunca teve casa própria e nem um lugar para chamar de nosso. Apesar daqui ser um acampamento, não ser regulamentado, a gente tem mais liberdade de trabalhar na terra”, afirma.

A escassez de água é reclamação constante entre os moradores e dificulta no cuidado com as plantas. Ivonete sonha que o lugar passe pelo processo de regulamentação para poder expandir o negócio. “Por enquanto, não tem para onde expandir, mas projeto e vontade a gente tem de monte”, esclarece. Mesmo com as dificuldades, não há planos para sair do assentamento.

“Eu amo esse lugar, eu amo as pessoas que vivem nesse lugar. Tudo que eu planejo para mim, para o meu crescimento aqui dentro, também planejo para as pessoas que eu conheço”, afirma Ivonete. Além de cuidar do próprio negócio, ela costumava ajudar outras mulheres do Margarida Alves com rodas de conversa e aulas de artesanato. Ela fala sobre a proximidade com a comunidade e o preconceito que sofre por morar em um assentamento.

“Acho que o meu maior sonho no momento é ver isso aqui crescer, ver isso aqui melhorar, ver que tem condições melhores para as pessoas aqui. Não é só questão de necessidade, mas é um lugar que a gente gosta de viver”, diz Ivonete.